Revista Espaço Acadêmico - Nº 105 - Fevereiro de 2010
ANO IX - ISSN 1519-6186

Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência

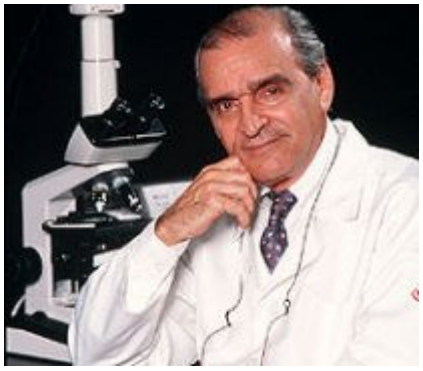
Daniela Manica*

Resumo: A proposta deste artigo é refletir sobre o enfoque biográfico nos estudos antropológicos contemporâneos. Partindo de um caso específico, em que a autobiografia de um médico e pesquisador brasileiro foi utilizada como fio condutor para uma pesquisa antropológica, proponho apresentar e discutir algumas das questões colocadas para a etnografia de uma trajetória profissional: o que é narrado, que relações são evidenciadas a partir dessas narrativas, como as associações estabelecidas com demais atores ao longo da narrativa podem elucidar processos sociais e alteridades compondo, dessa forma**, um objeto de pesquisa interessante para a Antropologia.**

Palavras-chave: autobiografia, contracepção, Elsimar Coutinho

Abstract: The purpose of this article is to reflect upon the biographical approach in contemporary anthropological studies. Departing from a specific case, in which a Brazilian medical doctor's autobiography is used as the object of an anthropological research , I intend to present and discuss some of the questions for the ethnography of a professional trajectory: what is narrated, which relations are shown with these narratives, how the associations established with other actors throughout the narrative may elucidate social processes and otherness, composing, hence, an interesting object of research for Anthropology.

Key words: autobiography, contraception, Elsimar Coutinho



Elsimar Metzker Coutinho é um dos maiores expoentes na endocrinologia da reprodução humana e no planejamento familiar. Médico formado pela Universidade Federal da Bahia, realizou cursos de especialização na Sorbonne, Universidade de Paris e Fundação Rockefeller, em Nova York. Foi um dos fundadores do *International Committee for Contraceptive Research – ICCR*, do *The Population Council*, órgão especializado no desenvolvimento de métodos contraceptivos modernos, e atuou como membro do *Steering Committee of the Expanded Program in Human Reproduction*, da Organização Mundial da Saúde. Professor e chefe do Departamento de Saúde Materna e Infantil da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, é diretor-presidente de uma clínica-modelo em planejamento familiar e saúde reprodutiva em Salvador, o CEPARH – Centro de Pesquisas e Assistência em Reprodução Humana. Também preside a Organização Internacional de Pesquisa em Saúde Reprodutiva, o *South-to-South Cooperation in Reproductive Health*. O professor Elsimar é fundador e membro participante de várias sociedades médico-científicas e vem realizando conferências e eventos em todo o Brasil e exterior, sendo frequentemente requisitado para entrevistas em jornais, revistas e programas de televisão.

Este artigo trata de uma experiência de pesquisa com um enfoque biográfico. Partindo da autobiografia de um médico e pesquisador brasileiro, proponho apresentar e discutir algumas das questões colocadas para a etnografia de uma trajetória profissional: o que é narrado, que relações são evidenciadas a partir dessas narrativas, como as associações estabelecidas com demais atores ao longo da narrativa podem elucidar processos sociais e alteridades compondo, dessa forma, um objeto de pesquisa interessante para a Antropologia.

Conheci Elsimar Coutinho em 1999, quando procurava um objeto de pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais. Interessada nas discussões sobre natureza e cultura, percebi nos embates sobre a supressão hormonal dos sangramentos menstruais em mulheres férteis a possibilidade de rediscutir algumas das questões teóricas que me instigavam. O livro *Menstruação, a sangria inútil*, de Elsimar Coutinho, publicado em 1996 e amplamente divulgado pela mídia, era central nesse contexto. Seu principal argumento no livro é de que a menstruação não é natural, uma vez que natural para as fêmeas seria estarem constantemente grávidas ou amamentando e, portanto, sem menstruar. Na época em que conheci o livro, estava estudando alguns trabalhos que questionavam a pertinência da oposição entre natureza e cultura, problematizavam a utilização dicotômica desses termos e a articulação desta oposição com questões como gênero e as tecnologias reprodutivas. Estava sendo apresentada à figura mítica do *ciborgue*, proposta por Donna Haraway em seu manifesto (Haraway, 2000).

Nos argumentos propostos por Coutinho, colocava-se, por um lado, o questionamento sobre o que era ou não natural: Coutinho clamava pela desnaturalização de um processo importante relacionado à fertilidade feminina - a menstruação. Por outro lado, o médico insistia na oposição entre natureza e cultura, o que não parecia muito consistente, tendo em vista que seu livro fora lançado praticamente ao mesmo tempo em que surgia no mercado farmacêutico brasileiro uma série de novos contraceptivos hormonais que prometiam a supressão da menstruação. Os entrecruzamentos entre reprodução, tecnociência e as narrativas de Coutinho sobre a supressão da menstruação eram evidentes. No entanto, os termos a partir dos quais o médico falava deles ainda estavam atrelados a metáforas e conceitos que estavam sendo problematizados (Haraway, 1991 e Strathern, 1992a e 1992b).

Na minha pesquisa de mestrado em Antropologia Social (Manica, 2003), concentrei-me no estudo dos contraceptivos lançados no mercado farmacêutico brasileiro a partir de 1999. Com a aprovação da lei do planejamento familiar no Brasil, em 1996, e a reivindicação social pela promoção de alternativas contraceptivas de longo prazo que não fossem esterilizantes, muitas configurações de contraceptivos hormonais ainda inexistentes no mercado brasileiro foram aprovadas. Uma boa parte desses novos contraceptivos, por sua formulação à base de "progestagênios", provoca uma série de alterações e irregularidades menstruais. Dentre estas, a supressão total dos sangramentos.

Embora a proporção das mulheres que efetivamente tenha interrompido os sangramentos mensais com o uso desses contraceptivos seja relativamente pequena (entre 30 e 70%, dependendo do contraceptivo e do tempo de uso),

procurei mostrar na dissertação os embates no campo médico e na mídia para a configuração da ausência da menstruação como um efeito benéfico para a saúde, e desejável para a possível consumidora desses contraceptivos. Em outras palavras, procurei ressaltar os processos de negociação de mecanismos "pedagógicos" provenientes, principalmente, do discurso médico - em intensa e explícita interação com a indústria farmacêutica - necessários para uma re-significação das alterações menstruais resultantes do uso desses contraceptivos.

O livro *Menstruação, a sangria inútil* de Elsimar Coutinho, publicado pela primeira vez em 1996, teve uma inserção bastante peculiar nesse contexto. Embora todos o reconhecessem como uma tese pioneira, e o livro tenha sido distribuído gratuitamente por alguns laboratórios farmacêuticos (que compraram um lote de 20 mil exemplares para doação aos médicos em congressos), os argumentos de Coutinho eram "atualizados" de acordo com as regras internas ao campo da medicina.

A influência de Elsimar Coutinho na configuração da supressão da menstruação como benéfica e desejável foi fundamental. Coutinho tinha, afinal, uma longa trajetória de pesquisas com contraceptivos realizadas na Universidade Federal da Bahia, onde atuou por muitos anos como professor e pesquisador, e no CePARH - Centro de Pesquisas e Assistência em Reprodução Humana, em Salvador -, que fundou e preside até hoje. Em suas diversas falas ao público médico e leigo, Coutinho aciona essa trajetória como justificativa para a legitimidade de seus argumentos, e como negociação do seu pertencimento à comunidade acadêmica brasileira e mundial. A sua trajetória se configurava, assim, como uma questão que merecia ser analisada.

Na minha pesquisa de doutorado (Manica, 2009), resolvi enfrentar a discussão sobre a trajetória de Coutinho, pois somente ela me permitiria dar conta, ao mesmo tempo, de perceber como surgiam esses contraceptivos e em que termos Coutinho tornava possível a sua negociação, tanto entre os médicos, como no "mercado" ou na "sociedade" de forma mais ampla. A trajetória de Coutinho revelava, na verdade, a própria trajetória de alguns desses contraceptivos, como, por exemplo, os injetáveis trimestrais ou os implantes subcutâneos.

O "resumo biográfico" da epígrafe, extraído da orelha do livro "Menstruação, a sangria inútil" (Coutinho, 1996), concentra alguns dos principais episódios da carreira profissional do médico baiano, frequentemente narrados por ele em suas diversas falas aos meios de comunicação. A trajetória profissional do polêmico defensor da inutilidade dos sangramentos mensais para as mulheres contemporâneas compunha, com efeito, o elenco de questões necessárias para compreender a forma como a "inovadora" discussão surgia no Brasil. E, além disso, revelava também uma série de outros aspectos interessantes sobre a inserção da contracepção no Brasil, e as interações entre o campo médico, os laboratórios farmacêuticos e os meios de comunicação.

Assim, a trajetória de Coutinho concentra questões pertinentes para a compreensão de diversos processos, eventos, contextos e jogos de força, e sua própria intenção ao narrá-la - em suas duas autobiografias não publicadas, e em alguns textos e falas nos meios de comunicação - reitera a importância de considerar a abordagem biográfica como

uma metodologia antropológica interessante.

Seguindo a sugestão de George Marcus, ao falar sobre etnografias multi-situadas, "seguir uma vida ou biografia" pode revelar justamente as justaposições de contextos sociais que ficam invisíveis nos estudos mais estruturais dos processos. Para Marcus,

> Histórias de vida revelam justaposições de contextos sociais através de uma sucessão de experiências individuais narradas, que podem ser obscurecidas no estudo estrutural de processos como esses. Elas são guias potenciais para a delineação de espaços etnográficos dentro de sistemas moldados por distinções categóricas que podem tornar esses espaços invisíveis. Esses espaços não são, necessariamente, subalternos (embora eles possam ser mais claramente revelados em histórias de vida subalternas), mas eles são moldados por associações novas ou inesperadas entre lugares e contextos sociais sugeridos por relatos de histórias de vida (Marcus, 1995: 110, tradução livre).

Com a etnografia de um percurso, uma trajetória profissional, a partir de diversas narrativas (auto)biográficas, publicações, pesquisa de campo e algumas entrevistas, não se conhece apenas um itinerário intelectual, mas também um conjunto de relações, interações entre pessoas, instituições, políticas e substâncias que são muito reveladoras de questões sobre as quais nos deparamos no contexto contemporâneo de produção de ciência e biotecnologia. O que procurei "seguir", no sentido proposto por Marcus, foi uma trajetória profissional. Mas tomar esta trajetória como fio condutor não implicou, simplesmente, um enfoque privilegiado sobre a singularidade de um indivíduo. A problematização da oposição entre indivíduo e sociedade, como aponta Suely Kofes (2004), é fundamental para enfrentar os desafios que se colocam nos entrelaçamentos entre biografia e etnografia.

> Nas Ciências Sociais, a referência ao método biográfico, quando se desloca da resistente oposição indivíduo x sociedade, costuma apontar a sua importância para o registro da ação e como um dos meios para a crítica à estabilidade do agente e à identidade supostamente fixa, estável e unitária do Ego, problematizando-o com a multiplicidade do sujeito e de suas situações. Assim, o foco em trajetórias, em biografias, tanto pode questionar um modo habitual de categorização da prática considerada apenas do ponto de vista de agrupamentos sociológicos, como problematizar o indivíduo como uma totalidade coerente. Revelaria, ou permitiria revelar, que a superposição de vários mundos nas experiências e interpretações de sujeitos singulares são constituidores da socialidade e não incoerências sociológicas (Kofes, 2004: 9).

Suely Kofes procura discutir as principais questões que se colocam para as pesquisas antropológicas que tomam como objeto, ou ponto de partida, (auto)biografias, histórias de vida, trajetórias. Há, com efeito, uma série de autores e escolas que se dedicaram a discutir essas questões, tanto do ponto de vista metodológico como conceitual. A noção de trajetória, por exemplo, pode ser localizada na crítica feita pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu à "ilusão biográfica" (Bourdieu, 1997), ou à concepção da vida como uma história coerente, com um sentido específico.[1]

[1] Bourdieu prefere procurar, ao estudar um autor ou de uma obra literária, os processos e estruturas sociais subjacentes a ele/a. Em "As

A trajetória da qual falei nesta pesquisa não corresponde à trajetória no sentido em que Bourdieu a emprega, como conceito analítico relacionado à sua teoria do campo subjacente. Minha escolha por "trajetória" e não história de vida ou biografia deveu-se mais à tentativa de articulá-la ao procedimento etnográfico, que permitiu a sua composição, ou re-apresentação, no texto da tese.

Inicialmente, eu pretendia com a pesquisa reunir os artigos escritos por Elsimar Coutinho (científicos e leigos) e apresentar alguns desses dados da sua trajetória, frequentemente anunciados por ele mesmo, a partir de entrevistas a serem realizadas com ele, em seu consultório em São Paulo e no Centro de Pesquisas e Assistência em Reprodução Humana - Ceparh, em Salvador. Coutinho me informou, durante uma dessas entrevistas, que estava organizando uma autobiografia profissional narrando os eventos mais relevantes de sua trajetória. Que já vinha há vários anos trabalhando no manuscrito, nos intervalos entre sua atuação clínica e acadêmica.

Com a devida autorização do autor, optei, então, por trabalhar a partir deste texto autobiográfico, considerando-o como um fio condutor para pensar a trajetória de Coutinho e as diversas questões que ela permite acessar. A partir dela, fui procurando compor um conjunto de eventos e questões para a pesquisa, e a maior dificuldade talvez tenha sido selecioná-los, bem como determinar a amplitude da pesquisa subseqüente a essa seleção (até onde ir buscar outras fontes sobre os eventos narrados, em que medida outros materiais permitiriam mapear interlocutores, opositores e aliados).

Procurei, então, organizar um texto a partir da sua narrativa autobiográfica profissional, considerando que, para o próprio autor, ela representava o esforço de contar, com alguns detalhes, a sua versão sobre a sua trajetória. Sendo ela o meu "fio condutor", e tendo sido organizada pelo autor da forma mais tradicional – a cronológica – o texto começa "do começo", isto é, dos primeiros anos de vida de Elsimar Coutinho. Aliás, como se trata de um material não terminado, revisto ou publicado, este é o único título de toda a autobiografia: na primeira página, "O Começo", o que anuncia a intenção do autor de passar a limpo sua trajetória, narrando os eventos que o constituíram como a pessoa que, através do texto, anuncia ser.

A estruturação da tese reflete a tentativa de tratar esse texto autobiográfico como uma espécie de "informante-chave" para a etnografia de sua trajetória. Essa escolha traz limites e vantagens. Por um lado, considerar a autobiografia, em lugar de uma série de entrevistas, ou de outras narrativas sobre Coutinho, implica levar em conta a sua própria intenção em contá-la, e os efeitos textuais que decorrem disso. Em outras palavras, considerar os objetivos que motivam a produção de uma "biografia"

Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário" (1996), o autor procura explicar a figura do romancista francês Gustave Flaubert em relação ao campo literário francês, e o faz partindo da análise de um de seus livros, "A Educação Sentimental". Bourdieu enfatiza aquilo que há de estrutural e sociológico na trajetória e atuação de Flaubert, estruturas essas que estariam, segundo ele, explicitadas na obra do próprio escritor. A maneira como Flaubert construiu a trajetória do protagonista Frédéric, e como o colocou para interagir com os outros personagens no jogo de forças interno ao campo artístico francês do século XIX, seriam reveladores das regras e estruturas internas ao campo da arte, como a dinâmica dos jogos de força e poder que o compõem, protagonizadas pelos diferentes agentes em interação. Sobre essa discussão, ver Manica (2004).

por um cientista, médico, pesquisador – o que "conta" mais em sua biografia, que eventos compõem e legitimam o encaminhamento de sua trajetória. Há, ainda, que se notar a dimensão ficcional das narrativas (auto)biográficas, ou o potencial de constituição da autobiografia como "auto-ficção" (Doubrovsky, 1991). Por outro lado, a existência do texto autobiográfico permitiu um aprofundamento temporal mais consistente, orientou o entrecruzamento dos eventos narrados com fontes historiográficas diversas (artigos de jornais e revistas, registros de diversos arquivos). Além disso, nesse caso, permitiu um distanciamento em relação ao autor e seu cotidiano que, de certa forma, resultou em uma liberdade maior para a construção do texto da tese.

Os eventos biográficos narrados na autobiografia forneceram a cronologia e um mapa dos diversos temas que caracterizaram a trajetória de Coutinho, e foi a partir dessas questões (temporalidade e temas/embates/acontecimentos) que a sequência do texto foi pensada. Assim, a construção do texto resultou em uma re-apresentação da trajetória de Coutinho.

Inicialmente, procurei ressaltar as conexões entre instituições internacionais de fomento à pesquisa, como a Fundação Rockefeller, e o campo de pesquisas médicas no Brasil a partir da década de 1940, particularmente na área da fisiologia da reprodução. Recuperando algumas informações sobre a interação entre esta instituição e a Universidade Federal da Bahia, principalmente a partir da figura do Prof. Jorge Novis, primeiro orientador de Elsimar Coutinho, procurei mostrar como essas conexões levaram Coutinho à primeira experiência científica que ele considera significativa e, de certa forma, "inauguradora" da sua carreira: a pesquisa sobre um derivado da progesterona (o acetato de medroxiprogesterona) e seu potencial contraceptivo.

A aquisição de credibilidade científica, nos termos de Latour (1997), obtida pela divulgação desta e de outras pesquisas no campo acadêmico internacional permitiu a Elsimar Coutinho uma crescente circulação pelos espaços institucionais que concentravam os recursos para que mais pesquisas fossem feitas, dependentes de uma freqüente (embora ocasionalmente problemática) ampliação do seu espaço local de atuação. Seu relato autobiográfico, seu currículo e o material arquivado no Ceparh indicam a realização de um grande número de pesquisas clínicas sobre os mais diversificados métodos contraceptivos: DIUs, implantes subcutâneos, a pílula masculina, o anel vaginal, a pílula vaginal.

Procurei, então, apresentar algumas dessas pesquisas, enfocando as relações entre esses projetos (sempre enfatizados por ele como científicos) e as expectativas internacionais sobre o desenvolvimento de uma variedade de contraceptivos que permitisse a implantação das, então esperadas e formuladas, políticas de controle da natalidade. Coutinho participou ativamente nas pesquisas e desenvolvimento de uma série desses contraceptivos, uma vez que circulava por vários conselhos, órgãos e instituições internacionais como o ICCR (International Committee for Contraceptive Research), o *Population Council* e a OMS. Seguindo cronologicamente a sua trajetória, a partir de 1964, apresentei essas pesquisas, conexões e seus resultados e implicações. Dos desdobramentos destas pesquisas, dois eventos principais foram destacados: a CPI da Depo-Provera (o

acetato de medroxiprogesterona, injetável desenvolvido a partir das pesquisas iniciais realizadas por Coutinho) realizada pelo Senado americano em 1978, e a divulgação de um documentário na França em 1981 sobre os trabalhos de Coutinho em Salvador e o uso de "cobaias humanas" nas pesquisas.

Dessas pesquisas, parti para uma discussão sobre aquele que se tornaria o método contraceptivo preferido de Coutinho no tratamento de suas pacientes particulares: os implantes subcutâneos. A aliança com o médico Sheldon Segal, presidente do *Population Council* e membro ativo de outras instituições como o ICCR, garantiu a Coutinho o provimento freqüente de financiamento para suas pesquisas e suprimento de materiais necessários para o desenvolvimento desses contraceptivos. Um dos contraceptivos desenvolvidos a partir dessa parceria é o Norplant, implante que foi proibido no Brasil após uma oposição incisiva dos movimentos feministas brasileiros. Este episódio do Norplant revela, sobretudo, a inserção deste "elo" na cadeia de interesses relacionadas à questão da contracepção no Brasil: os movimentos feministas. Ao fazer uma aliança com estes grupos, outros atores tiveram que incorporar algumas de suas reivindicações, como a de adoção de determinados critérios éticos para as pesquisas, ou a desvinculação da contracepção às intenções demográficas, e políticas, de controle da população. O ponto máximo deste diálogo talvez tenha sido a articulação para a aprovação, a nível federal, do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, o PAISM. Este movimento de aliança entre médicos acadêmicos (cientistas, pesquisadores) e movimentos feministas - movimento que não foi feito por Elsimar Coutinho - é fundamental para entender o andamento de sua trajetória e da questão da contracepção, e do planejamento familiar, no Brasil.

Inspirado, talvez, em muitas das entidades filantrópicas existentes nos Estados Unidos e mesmo no Brasil, Elsimar Coutinho também investiu, ao longo de sua trajetória, na criação de um centro para o planejamento familiar. Fundado em 1984, o Ceparh - Centro de Pesquisas e Assistência em Reprodução Humana, sediado em Salvador - concentra ao mesmo tempo um espaço de atendimento gratuito para a população de Salvador interessada em contracepção, um hospital para o atendimento de várias outras especialidades, a sede de uma série de instituições científicas das quais Coutinho participa, ou participou, e a clínica particular para a inserção dos implantes contraceptivos produzidos pelo laboratório farmacêutico de manipulação – o Elmeco, construído por Coutinho e mantido no mesmo espaço do Ceparh. Deslocando um pouco do texto da autobiografia, a discussão sobre controle da natalidade e planejamento familiar no Brasil foi situada a partir de uma narrativa etnográfica dessa instituição criada por Coutinho, usando para isso tanto um material historiográfico sobre ele (matérias de jornal, sobretudo) como também os relatos da minha pesquisa de campo, realizada em Salvador em 2003 e 2006.

Finalmente, os temas sobre os quais Coutinho frequentemente fala na mídia foram abordados. Apresentei algumas de suas falas sobre sexualidade, gênero e hormônios, e sobre a "inutilidade" dos sangramentos menstruais. Ao tratar destes temas, procurei mostrar a importância da negociação simbólica sobre corpo, fertilidade, reprodução e contracepção, e como Coutinho lança mão de uma posição de autoridade

(médico, cientista, pesquisador) para falar sobre estes temas, embora de uma perspectiva que parece anacrônica (tendo em vista os contraceptivos que construiu ao longo de sua trajetória), mas que compõe as contradições inerentes ao que Latour chama a "constituição moderna" (Latour, 1995).

Procurei analisar as metáforas e conceitos empregados por Coutinho, como a própria oposição dicotômica entre natureza e cultura. A presença marcante nos meios de comunicação coincide com um momento de relativo afastamento do campo acadêmico das ciências reprodutivas no Brasil, malgrado as constantes e expressivas publicações resultantes das pesquisas realizadas por ele e sua equipe no Ceparh. Esta aproximação com o mundo das "celebridades" (Nathanson, 2003) funcionou, principalmente, na aquisição de uma "marca" distintiva em relação aos demais médicos e endocrinologistas da área das ciências reprodutivas. Coutinho disponibiliza atualmente, para suas pacientes das clínicas particulares de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília, Salvador, os implantes que produz no seu laboratório em Salvador. Implantes exclusivos, pacientes exclusivas, atendimento também. Curiosamente, a incompatibilidade entre a tecnologia contraceptiva para um mercado de "massas" - "sonho de consumo" dos envolvidos com a pesquisa contraceptiva nos países em desenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970 - é convertida por Coutinho em um produto "individualizado" e "exclusivo" para as elites das principais cidades brasileiras.

*

A releitura dessa trajetória a partir da narrativa autobiográfica de Coutinho nos permite transitar por vários temas e discussões: as dicotomias natureza *versus* cultura e indivíduo *versus* sociedade; discussões sobre gênero, sexualidade e saúde reprodutiva; antropologia, sociologia e mesmo história das ciências; sobre biopolítica, a partir de suas inflexões com as questões populacionais; a possibilidade da supressão da menstruação em mulheres durante a fase fértil, com o uso de contraceptivos hormonais; os processos de desenvolvimento, pesquisa, negociação, legitimação e produção desses contraceptivos – isto é, interações entre a medicina, a indústria farmacêutica e a mídia (como espaço onde se encenam alguns embates).

Não somente a trajetória de Coutinho funciona como uma chave de acesso para todas essas questões, como através dela é possível perceber algumas especificidades, seja pelos embates dos quais o médico e pesquisador participou, seja pelo seu estilo pessoal de argumentação, como em suas diversas intervenções nos meios de comunicação, para falar sobre fertilidade, sexualidade, reprodução. Ao mesmo tempo, o enfoque biográfico permite acessar diversos elementos acerca do processo de "estabilização" da contracepção no Brasil e no mundo, sobretudo a partir da década de 1970. Assim, ainda que com um foco sobre a narrativa autobiográfica, outros atores e associações que compõem o social (Latour, 2007) tornaram-se, através dela, visíveis. [2]

[2] Refiro-me aqui ao "social" tal como tratado por Latour: uma perspectiva aberta, em que não opera a distinção entre indivíduo e sociedade, e que permite que inclusive objetos "técnicos" (como por exemplo, no caso dessa trajetória, hormônios) sejam considerados "atores" – isto é, agentes na constituição das diversas associações que compõem o social.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Por uma ciência das obras. In: **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1997.

COUTINHO, Elsimar. **Menstruação, a sangria inútil**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

_____. **Autobiografia**. Manuscrito não publicado. s/d.

DOUBROVSKY, Serge. Autobiographie/autofiction, in: **RSH, Revue des Sciences Humaines**, 224, Le Biographique, 1991.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue** – as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Simians, Cyborgs and Women**: The Reinvention of Nature. London: Free Association Books, 1991.

KOFES, Suely. "Os papéis de Aspern": anotações para um debate. In: KOFES, Suely (org) **Histórias de vida, biografias e trajetórias**. Cadernos do IFCH; 31. Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

_____. **Reassembling the Social**: an introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford University Press, 2007.

MANICA, Daniela. **Supressão da Menstruação**: Ginecologistas e Laboratórios Farmacêuticos Re-apresentando Natureza e Cultura. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). IFCH, Unicamp, Campinas, 2003.

_____ . Impasses no estudo de uma trajetória polêmica. In: KOFES, Suely (org) **Histórias de vida, biografias e trajetórias**. Cadernos do IFCH; 31. Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. p. 99-110

_____. **Contracepção, natureza e cultura**: embates e sentidos na etnografia de uma trajetória. Tese (Doutorado em Antropologia Social). IFCH, Unicamp, Campinas, 2009.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. In: **Annual Review of Anthropology**, Vol. 24, 1995 (1995), pp. 95-117

NATHANSON, Leonor Graciela. **Consultando Médicos na Televisão**: Meios de comunicação, mulheres e medicina. Tese (Doutorado em Comunicação Social). FACOM/UFBA, 2003.

STRATHERN, Marylin. **Reproducing the Future**: Essays on Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies. Manchester: Manchester University Press, 1992a.

_____. **After Nature**: English Kinship in the late twentieth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1992b.

* **DANIELA MANICA** é Doutora em Antropologia Social pela Unicamp